

Fernando Pessoa

## **Tece, amor, as grinaldas com que queres**

Tece, amor, as grinaldas com que queres  
Coroar o amor que nem sabemos ter,  
Com brancas mãos em lento movimento  
De papoulas e pobres malmequeres. . .  
Tece-as para que ao menos o momento  
Em que as teces nos possa pertencer.

Se para coroar o amor as teces  
Pensas no amor tecendo-as, e assim amas;  
Se vendo-te, em ti vejo que o conheces  
Amo contigo o amor em que tu pensas.  
E um momento o amor queima as suas chamas  
Na ara das nossas almas já pretensas.

Mas se a grinalda é feita, o amor cessou.  
Se é preciso entre nós o gesto e o gozo  
Nunca o pensado amor levanta o voo.  
Nunca da nossa noite de sentir  
Raiou o sol do acto, e o olhar cobiçou  
Uma coisa real que vá fruir.

No sonho do que nunca pode haver  
Entre nós, porque há em nós o pensamento,  
Gastamos o desejo sem o ter.  
A taça cai do gesto mal seguro  
Porque pensamos em beber, e o intento  
Cansa o braço, e é entornado o néctar puro.  
Viemos, meu amor, no fim da tarde.  
O que há de sol é o que resta acima  
Dos montes, poesia baça e sonho que arde,  
E só pura saudade os céus anima.

O nosso olhar não ousa olhar o outro.

Outros tiveram por seu tempo o dia  
Gozaram outros quando o sol era alto,  
A vergonha que há em nós de sua orgia  
É a vergonha de nós a não ousarmos.  
Nós pensamos no amor em sobressalto  
E para amarmos só nos falta amarmos.

Os deuses foram-se, e consigo foi  
A clareza de alma para (com) a vida.  
O que ontem era o gozo, é o que hoje dói.  
O que ontem era a coisa possuída  
É hoje só a coisa apetecida,  
Ainda desejada e não ousada.

s. d.

**Pessoa por Conhecer — Textos para um Novo Mapa** . Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990: 39.